

**ARTE, TÉCNICA, PROCESSO E CONHECIMENTO:
A INVENTABILIDADE PEDAGÓGICA DE MULHERES NA TECELAGEM MANUAL***

Amanda Motta Castro**
Cintia Andréa Dornelles Teixeira***

Resumo

Este texto é o recorte de duas pesquisas de doutorado que estão em andamento. Ambas têm como mote a tecelagem manual realizada e ensinada majoritariamente por mulheres, em Resende Costa, no Estado de Minas Gerais, e em São Borja, no Rio Grande do Sul. Este texto busca realizar, a partir das referidas pesquisas, algumas reflexões articulando Educação Popular e Estudos Feministas, a fim de problematizar o artesanato e a invisibilidade da produção das mulheres no campo do artesanato dos fios. Na tecelagem manual, tanto em Minas Gerais como no Rio Grande do Sul, encontramos uma produção predominantemente feminina que é rica em técnica, conhecimento e arte. Ambas as investigações aqui apresentadas estão inseridas dentro de um grupo de pesquisa que se debruça em pesquisar os conhecimentos tramados pelas mulheres ao longo da história que estão, sobretudo, relacionados ao fio e à agulha. Tanto as investigações aqui apresentadas como o grupo de pesquisa do qual fazemos parte buscam, através da pesquisa científica, visibilizar este conhecimento invisível e tramado a partir das margens do conhecimento formal e sistematizado.

Palavras-chave: Tecelagem manual. Gênero. Estudos feministas. Educação popular.

**ART, TECHNIQUE, PROCESS AND KNOWLEDGE:
THE PEDAGOGICAL INVENTABILITY OF WOMEN IN MANUAL WEAVING**

Abstract

This text is a sample of two undergoing doctorate researches. Both of them have as theme manual weaving made and taught by women in Resende Costa, in Minas Gerais, and in São Borja in Rio Grande do Sul. This text aims to reflect on those researches, articulating Popular Education and Feminist Studies, and also problematizing weaving work and the invisibility of women's production in the field of string handcraft. Manual weaving production in Minas Gerais and in Rio Grande do Sul is a predominantly feminine activity involving a rich technique, knowledge and art. Both investigations here presented are part of a research group which studies the knowledge woven by women throughout history, specially that related to string and needle. Through scientific research, both investigations and the research group which we are a part of aim to visualize this invisible knowledge, woven at the margins of systematic and formal knowledge.

Keywords: Manual weaving. Gender. Feminist studies. Popular education.

* Parte deste texto foi aprovado para ser apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – *Desafios Atuais dos Feminismos*, na UFSC, em 2013.

** Doutora em Educação pela UNISINOS com bolsa CAPES e período sanduíche realizado no departamento de Antropologia da UAM. Tem se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento realizados por mulheres tecelãs, a fim de analisar a complexidade da aprendizagem nesse contexto em articulação com a Educação Popular e os estudos feministas. Contato: motta.amanda@terra.com.br.

*** UNISINOS.

Introdução

Nas economias de subsistência, as mulheres efetuam a maior parte dos trabalhos e, em relação aos homens, trabalham durante mais tempo por dia e contribuem mais para o rendimento familiar. Esta disparidade de condições entre os sexos é uma das causas da pobreza, pois, sob diversas formas, impede que centenas de milhões de mulheres tenham acesso à educação, à formação [...]. Segundo as estimativas, as mulheres são a única fonte de rendimento para um quarto a um terço das economias domésticas do mundo. E a sua contribuição representa mais de 50% dos recursos em, pelo menos, um quarto das restantes economias. As famílias cuja chefia cabe a uma mulher vivem muitas vezes abaixo do limiar da pobreza. Certos indicadores levam a pensar que a situação das mulheres é cada vez mais precária nas economias de subsistência. As dificuldades cada vez maiores de tempo que lhes são impostas por terem de trabalhar mais horas para conseguirem o pão de cada dia têm o duplo efeito de desvalorizar o seu estatuto social e de manter elevada a taxa de natalidade. Dado que não lhes é possível aumentar, mais ainda, a sua carga de trabalho as mulheres recorrem, em grande parte, a seus filhos – em especial as filhas – para se libertarem de uma parte de suas tarefas. De fato a tendência crescente em muitas regiões de não mandar as filhas à escola para que assim possam ajudar a mãe no trabalho fará, com certeza, com que toda uma nova geração de jovens fique com perspectivas de futuro muito limitadas e se sinta em desvantagem em relação aos irmãos. (DELORS, 2006, p. 78-79).

Este texto é o recorte de duas pesquisas de doutorado que estão em andamento. Ambas têm como mote a tecelagem manual majoritariamente realizada e ensinada por mulheres, em Resende Costa, no Estado de Minas Gerais, Região Sudeste do Brasil, e em São Borja, no Rio Grande do Sul, Região Sul do Brasil.

As pesquisas propostas estão inseridas em uma investigação mais ampla coordenada pela Dra. Edla Eggert, que discute o trabalho artesanal de mulheres no campo do artesanato gaúcho desde 2007. Buscamos, juntamente com o grupo de pesquisa, pensar o cotidiano ordinário, culturalmente privado e marginal pelo fato de ser feminino. É a partir deste lugar que propomos mostrar as pedagogias produzidas por grupos de mulheres, principalmente de classes populares:

[...] os artistas populares brasileiros, em regra geral, são pobres. Eles vivem e produzem num ambiente que transita entre sua produção e suas famílias; mas no final, se este trabalho artesanal consegue sustentar a família, eles se consideram abençoados, pois estão felizes, criando suas obras. (NIERENGARTEN-SMITH, 1996, p. 13, grifos nossos).¹

¹ Chama-se a atenção para o uso do masculino.

Para tanto, apresentaremos a experiência que está sendo tecida em dois estados – Minas Gerais e Rio Grande do Sul – que tem como objetivo suscitar reflexões a partir da Educação Popular e dos Estudos Feministas, a fim de problematizar o trabalho artesanal que, entendemos, é fonte de renda e sobrevivência e, além disto, é uma forma de as mulheres deixarem registradas marcas de criação e produção de si.

As pesquisas têm como foco central a articulação do trabalho manual com as experiências de vida das mulheres que pode ser visto como base nos estudos de Eggert (2009; 2011) como um poderoso instrumento de análise para demarcar uma pedagogia invisível que permeia a criatividade e a produção do conhecimento.

Percebemos, com base em nossa empiria, que as pedagogias tecidas no campo artesanal passam a ter um papel muito importante na vida das mulheres, conferindo-lhes – por mais paradoxal que isto possa parecer –, o direito à liberdade de pensamento, sentimento e imaginação. A riqueza da diversidade do trabalho com os fios transforma a matéria-prima utilizada em obra de arte, tornando-se um objeto da cultura local. Na visão de Ricardo Lima:

o artesanato produz a partir de uma cultura e o produto que faz o objeto artesanal, tem duplo caráter: é uma mercadoria por um lado, mas também um produto cultural resultante do significado da vida daquela pessoa (2011, p. 191, grifo nosso).

Resende Costa: Cidade dos teares em Minas Gerais

A tradição da tecelagem manual em Minas Gerais é bastante forte: os portugueses, durante a colonização, trouxeram teares para Minas Gerais e esta se tornou, então, uma ocupação majoritariamente feminina tanto para as mulheres livres como escravas (MACEDO, 2006; 2003).

Minas Gerais é um estado com forte tradição da tecelagem, mas há uma cidade em especial que chama a atenção quando o assunto é tecelagem manual: Diz o dito popular que em Resende Costa tem pelo menos um tear em cada casa (LONZA, 2009). Resende Costa², situada no estado de Minas Gerais, é um município da Região das Vertentes, criado em 30 de agosto de 1911.

² Informações obtidas no arquivo de Resende Costa durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e no site <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2009.

Tem área total de 631.561 km² e está localizada a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira.

No início, a pequena população se dedicava ao plantio de alimentos e à criação de gado e outros animais domésticos. Em 1912, o então povoado de Lajes ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome de Resende Costa, como homenagem aos inconfindentes (pai e filho) que viveram ali, no início do povoado. Hoje, o município vive, predominantemente, do artesanato têxtil, confeccionando, principalmente, peças para a casa. Sua população, segundo dados do IBGE de 2010, é de 10.941 habitantes.

No ano de 2012, Resende Costa esteve em festa. Muitas comemorações marcaram os 100 anos de sua emancipação política. Em 1912, o Município passou a existir legalmente e teve sua autonomia no momento em que adquiriu liberação política.

Assim como na maioria das cidades do Estado de Minas Gerais, Resende Costa foi colonizada por portugueses. Na cidade, há uma biblioteca municipal, que empresta livros para a comunidade, mas não existe cinema nem teatro. A cidade conta com um semáforo, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias e 98 lojas de artesanato.

Quando a população procura diversão, encontra-a no município vizinho, São João Del Rei. É comum, nos fins de semana, muitas pessoas saírem de Resende Costa para São João Del Rei. Festas, shows, bares noturnos, boates e movimento estão no município ao lado. Em Resende Costa, não há movimento à noite e o máximo encontrado é uma churrascaria que abre de quinta a domingo para o jantar, com música no telão do restaurante.

Assim como ocorre no Rio Grande do Sul – estado em que a tecelagem é um trabalho quase exclusivamente das mulheres –, em Minas Gerais, a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres. Entretanto, por volta de 1980, o município de Resende Costa muda a tradição: o homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora de suas cidades, distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e na tecelagem manual. Os trabalhos nos grandes

teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas a arte dos teares para que estas reforçassem o sustento da família.

As mulheres que foram entrevistadas contaram que não queriam mais que seus companheiros e filhos fossem trabalhar nas capitais ou cidades mais distantes. Por isto, começaram a ensinar os homens a tecer, para que eles tivessem trabalho na pequena cidade mineira e não precisassem sair de casa para encontrar o sustento. Conforme as palavras da tecelã D. de 76 anos:

[...] o problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã D, durante entrevista em julho de 2011).

Assim, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e foi ampliado pela necessidade de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Neste município mineiro, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas ou por encomenda.

Por volta de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer, não somente a suas filhas, mas, também, aos homens, criou uma localidade cuja principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja vendendo as peças produzidas nos teares seja trabalhando diretamente nos teares ou no comércio local para atender aos turistas. A venda dos produtos da tecelagem atrai, para a cidade, turistas de norte a sul do Brasil interessados em comprar artesanato com alta qualidade e preço baixo.

São Borja: tradição da tecelagem manual no Rio Grande do Sul

Um dos costumes transmitidos de geração a geração é o artesanato em lã e a técnica dos favos da bombacha da região fronteira gaúcha. Esta criação é tipicamente realizada por artesãs tanto da zona urbana quanto da zona rural do município de São Borja.

O município de São Borja (RS) está localizado na região da fronteira gaúcha, no oeste do Estado, a 594 km da capital, Porto Alegre. De acordo com informações

obtidas nos arquivos do município, a cidade está situada no coração do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), para fomentar a integração regional que envolve diálogos entre os países, no que diz respeito às questões econômicas, políticas e sociais nas suas mais variadas temáticas. Diante disto, o município de São Borja é visto como uma região com pontos estratégicos, possibilitando o surgimento de diálogos e relações com diversas cidades do Rio Grande do Sul como também com países como Argentina, Paraguai e Uruguai. Não obstante, São Borja se encontra demarcado em um lugar que facilita o acesso a três portos: Porto de Rio Grande, situado mais ao sul do Brasil; Porto de Antofagasta e Porto Iquique, situados no Chile.

São Borja possui um clima subtropical e é caracterizado como o município mais antigo do estado do Rio Grande do Sul, porque foi fundado e povoado em 1682 pelos padres jesuítas espanhóis. Levou este nome em homenagem ao 3º geral (general) da ordem dos jesuítas, São Francisco de Borja.

No que diz respeito às características geográficas, podemos destacar que São Borja possui uma área de 3.616,026 Km² e sua população está constituída por 61.662 habitantes, conforme dados do IBGE (2010). Sua economia é baseada na agricultura e na pecuária e sua densidade demográfica é de 17.05 hab./km². Seu IDH está situado em 0,798, já o PIB está na faixa de R\$1.013.839,479 mil e o PIB *per capita* é de 16.027,31.

São Borja já foi conhecida como a Capital do Linho, devido ao seu alto cultivo, nas décadas do início do século XX. Atualmente, ela é conhecida como a “Terra dos Presidentes”, justamente por ser o berço de dois filhos ilustres presidentes do Brasil: Getúlio Vargas e João Goulart, o Jango. Há uma lei que declarou publicamente esse fato, a Lei nº 13.041/2009.

Nessa região, as pessoas costumam preservar as tradições no dia a dia. Nas vestimentas, por meio do uso de bombachas e vestidos de prenda em atividades festivas do lugar. Já na culinária, é impossível falar dos costumes do Rio Grande do Sul e não comentar sobre a prática do churrasco, em especial, de carne de gado ou ovina. Esse hábito tradicional é praticado em fogo de chão cuja técnica é advinda dos índios.

No momento da visita, tivemos conhecimento que em São Borja há vários artesões, em especial alguns grupos de mulheres artesãs. Porém, esses grupos não foram

consagrados nos documentos por escrito de São Borja no ato de conhecimento do campo empírico. De acordo com dados da Secretaria de Turismo de São Borja, implementada há, aproximadamente, um ano, foi-nos informado que há uma divulgação do trabalho artesanal, mesmo que incipiente. No entanto, o que foi constatado é que os documentos desse setor não citam os grupos de mulheres artesãs, uma vez que tivemos conhecimento da existência dos mesmos. Na consulta a um dos sites do município, encontramos vários dados referentes aos pontos turísticos de São Borja, mas a divulgação do artesanato na cidade não aparece. Observamos a dificuldade da visibilidade deste trabalho, que envolve mulheres e deixa às margens da visibilização aquilo que produzem. Essa observação, que já foi detectada em pesquisas de Eggert (2011) juntamente com Eli Bartra (2008), impede que as mulheres saiam do isolamento e do anonimato, pois, geralmente, são mulheres pobres com pouca mobilidade e acesso aos meios de comunicação.

Pelas observações que obtivemos na Secretaria Municipal de Turismo do Município de São Borja, o trabalho artesanal das mulheres é conduzido e acompanhado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER)³ do município. No site do município, é feita referência somente a dois grupos formais de mulheres artesãs, que são: Favos do Sul e o grupo Lã Pura os quais possuem uma produção refinada de trabalhos que são, inclusive, exportados. Verificamos, com a responsável pelo trabalho na EMATER, que existem outros grupos de trabalho artesanal envolvendo mulheres da zona rural. São grupo semiformais que também são acompanhados pela Emater. A Emater auxilia na divulgação e comercialização do que é criado pelos diferentes grupos.

³ A Emater é uma instituição responsável pela elaboração e execução de políticas voltadas para o meio rural, cuja atuação envolve um amplo conjunto de programas e projetos. Suas ações são focadas no desenvolvimento, na geração de renda, na melhoria da qualidade de vida, na inclusão social, na promoção da cidadania das famílias rurais e na busca da sustentabilidade em suas dimensões sociais, econômicas, ambientais, culturais, políticas e éticas. Além disso, o documento sinaliza que as diretrizes para ações extensionistas da Emater, vão além da atividade agrícola “[...] mais do que um espaço de produção, é um lugar para se viver, com direito ao acesso à cultura, lazer, educação e cidadania, na forma harmoniosa com o ambiente” (Diretrizes para ações extensionistas da Emater – ASCAR, 2011, p. 4).

Diante desses pressupostos, podemos inicialmente considerar que não há uma política municipal de incentivo ao desenvolvimento do artesanato. Em especial das mulheres, pois não encontramos dados precisos sobre o trabalho desenvolvido, deixando a cargo somente da EMATER o acompanhamento dessas ações no que diz respeito ao incentivo no trabalho produzido pelas mulheres artesãs, para que elas aperfeiçoem, cada vez mais, suas técnicas de produção e possam ampliar a divulgação de seu trabalho.

Nessa visão, ressaltamos a importância do papel extensionista da EMATER, uma vez que lhe cabe o desafio de fomentar a inclusão social e produtiva das famílias, numa perspectiva emancipatória de sua condição atual. No entanto, sabemos que um caminho não se constrói sozinho, mas sim, na construção uns com os outros, ou seja, não será a Emater que irá promover, isoladamente, o desenvolvimento da comunidade local, mas sim, a articulação e envolvimento de todos os segmentos e setores no processo de construção e desenvolvimento da cidade.

Inventabilidade pedagógica das mulheres tecelãs e sua invisibilidade

De acordo com Carlos Brandão (1995), mulheres e homens são resultados dos processos educativos. Nós, como seres humanos, vivenciamos diariamente experiências de ensino e aprendizagem nos diversos setores e lugares em que vivemos e convivemos. Assim sendo, não poderíamos deixar de imaginar essa ideia no trabalho artesanal das mulheres, no aprender e no ensinar umas com as outras, cuja proposta é tecida a cada dia nos fazeres artesanais. O mesmo autor assinala que:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, o saber de guerreiros e, esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas envolve, portanto situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. [...] todas as situações entre pessoas e, entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica. (BRANDÃO, 1995, p. 20).

A possibilidade de esse tema se tornar tema de pesquisa sugere que se reflita sobre possibilidades de desenvolver novas aprendizagens, novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por (re)descobrir e ou (re)inventar na arte de tecer. Amartya Sen nos diz que as reivindicações que se faz em defesa aos direitos da mulher, não são apenas àqueles particularmente relacionados ao seu bem-estar, mas também aos direitos voltados, sobretudo, para a livre condição de agente de conhecimento e transformação e não, como receptoras passivas do modelo patriarcal. Para a referida autora:

[...] as mulheres são vistas cada vez mais, tanto pelos homens como por elas próprias, como agentes ativos de mudança; promotoras dinâmicas de transformações sociais que podem alterar a vida das mulheres e dos homens (2000, p. 221).

No entanto, o autor complementa afirmando que o fato de as mulheres serem vistas como agentes de mudanças sociais não justifica desconsiderar a urgência de retificar muitas desigualdades que arruinam o seu bem-estar sujeitando-as a um tratamento desigual com relação aos homens. Neste sentido, Margarita Pisano (2001) nos diz que colocar um limite nessa relação é um aprendizado nada fácil, porém, não impossível.

A partir dessa ideia, pensamos que a mulher precisa construir mudanças advindas das suas lutas diárias, recriando saberes e outros espaços e formas de visibilizar quem ela é, o que faz, como faz, o que produz e como produz. Pensamos que as pesquisas realizadas nos dois estados – Minas Gerais e Rio Grande do Sul – sinalizarão possibilidades e perspectivas, através do trabalho artesanal das mulheres, a análise de como se apresenta o aprendizado de ser mulher e ser homem na contemporaneidade.

Nesta perspectiva, o trabalho artesanal das mulheres produzido tanto em Minas Gerais como no Rio Grande do Sul, a arte de tecer e criar, é uma ferramenta em que está implícito um conhecimento que oportuniza a legitimidade da subjetividade como modo de produção do saber, o qual permitirá à mulher, o (re)inventar-se como pessoa e como ser humano no mundo privado e público. Além disso, a arte de tecer possibilitará que ela saia do anonimato e do isolamento, e comece a refletir sobre novas possibilidades de desenvolver aprendizagens que estão por (re)descobrir ou (re)inventar no ato da criação. Na visão de Marie-Christine Josso (2004), o ato de a pessoa refletir sobre

seus percursos pessoais e profissionais, permite que, além de formar-se a si próprio, autorize-se a perceber que, também, ela se constrói nas relações que estabelece com os outros numa aprendizagem que, além de ser individual, porque está movida por sentimentos e emoções experienciadas, também é coletiva. De acordo com a própria autora, esse processo é um movimento que contribui para inscrever a problemática do sujeito no centro das preocupações sobre o conhecimento e a formação. Neste aspecto, a autora nos instiga a não desconsiderar as dimensões da formação, mas a inscrevê-las numa experiência de vida, num percurso que é traçado pessoalmente pelo próprio sujeito aprendiz.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em potencializar a humanidade da sua capacidade de traçar caminhos, para o seu próprio desenvolvimento. Neste sentido, o estudo proposto em Minas Gerais e no estado do Rio Grande do Sul contribuirá na visibilização do trabalho privado e público da mulher. Considerando que, a educação contribui para o desenvolvimento humano, Jacques Delors sinaliza que:

[esse] desenvolvimento responsável não pode mobilizar todas as energias sem um pressuposto: fornecer a todos, o mais cedo possível, o “passaporte para a vida”, que os leva a compreender-se melhor a si mesmos e aos outros e, assim, a participar na obra coletiva e na vida em sociedade (2006, p. 82-83).

O autor ainda complementa que, a educação por si só, não serve apenas para qualificar as pessoas no mundo da economia, mas sim, de promover e:

[...] desenvolver talentos e as aptidões de cada correspondente, ao mesmo tempo, à missão fundamentalmente humanista da educação, à exigência da equidade que deve orientar qualquer política educativa e às verdadeiras necessidades de um desenvolvimento endógeno, respeitador do meio ambiente humano e natural, e da diversidade de tradições e de culturas (DELORS, 2006, p. 85).

Diante desse contexto, é preciso inscrever a formação permanente da pessoa, uma vez que, essa é uma das metas da educação do século XXI, tal como apresenta a obra *Educação, um tesouro a descobrir* de Delors (2006). Para o autor, aprender a conhecer visa em especial, a pessoa ter aquisição do domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, os quais podem ser considerados como meio e como finalidade da vida humana, porque se objetiva que cada pessoa aprenda a

ter prazer de compreender, de conhecer, de descobrir o mundo que a rodeia, com autonomia.

No aprender a fazer, a pessoa está mais estritamente ligada ao campo da formação, do saber e do saber-fazer que, juntos, compõem a competência e o conhecimento da técnica, como também a capacidade de comunicar-se, de trabalhar com os outros, de gerir sua vida privada e pública, de resolver conflitos e de tornar-se cada vez mais visibilizada. Já o aprender a viver juntos e a viver com os outros representa um dos maiores desafios da educação, pois fomenta o respeito às diferenças culturais, sociais e de gênero; ao autoconhecimento para conhecer e compreender os outros; a capacidade de dialogar; ao espírito de autocritica e de humildade que se transformam, afinal, em solidariedade através da dimensão da experiência vivida e presenciada e do prazer em transcender projetos comuns. O último pilar, o aprender a ser, leva o ser humano a elaborar pensamentos autônomos e críticos para formular os seus próprios juízos de valor, de modo que ele possa decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida privada e pública. Neste pilar, também se ostenta a ideia da realização completa do sujeito, em toda sua riqueza e complexidade de indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos através da arte de tecer.

Richard Sennett (2009) aponta que são necessárias 10 mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada. Em vista disso quando nos referimos ao artesanato, estamos indicando horas de estudo por meio da produção artesanal, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido. O mesmo autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem. Logo, podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como por exemplo, uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a produziu aprendeu a técnica, a arte e o conhecimento dos teares.

Quando problematizamos o ato do artesanato, entramos num terreno com questões fundamentais para a compreensão deste trabalho: o primeiro deles é destacado por Bartra (2004), ao afirmar que o artesanato é desenvolvido pelas pessoas mais pobres do mundo. O segundo é destacado por Eggert (2006; 2010; 2011), Conessa Macedo (2003; 2006), Mitiko (2002) e

Claudia Duarte (2002), que afirmam que o artesanato ligado ao fio – principalmente à tecelagem – é produzido principalmente por mulheres.

O trabalho manual dos fios, em especial o da tecelagem abordado nessa pesquisa foi historicamente invisibilizado, pois está na ordem do privado, compreendido com sendo um conhecimento inato e natural das mulheres, não um ofício complexo. Desta forma, a inventabilidade pedagógica das mulheres no artesanato que ao longo dos anos vêm repassando o conhecimento da tecelagem entre as gerações, é perdida e pouco reconhecida como conhecimento complexo e importante.

A tecelagem manual é hoje um processo invisível, pouco reconhecido e financeiramente desvalorizado, este processo, segundo Eggert (2004; 2009; 2011) torna o trabalho do artesanato dos fios precário e a produção das mulheres fica à margem. O feminismo vai mostrar que as mulheres sempre trabalharam (PERROT, 2007), entretanto a produção das mulheres ficou esquecida, pois essa produção foi ao longo dos tempos no privado.

Para Bartra (2008), é preciso reverter a dupla marginalização intelectual da arte popular, pois “*el arte popular es considerada de segunda, elaborada por gente también de segunda*” (2008, p. 12). A mesma autora argumenta ainda que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais umas das muitas produções das mulheres que ficam invisíveis. Afirma que a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico realizado diariamente por elas no cotidiano ordinário (GEBARA, 2008).

Para o feminismo, o privado é político e o trabalho diário de fazer esse movimento – politizar o privado – é uma das formas de reverter a marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. Sobre isso Sennet aponta:

em sua maioria os ofícios e artífices domésticos têm um caráter diferente dos trabalhos que hoje se executam fora de casa. Por exemplo, não consideramos os cuidados paternos como uma atividade no mesmo sentido, que atribuímos ao ofício de bombeiro ou a programação de computadores, muito embora o alto grau de capacitação especializada seja necessário para ser um bom pai ou uma boa mãe. (SENNETT, 2009, p. 33-34).

O artesanato realizado com as mãos muitas vezes é aprendido no trabalho simultâneo de mulheres entre o

tear, o doméstico e a criação dos filhos, logo esse processo exige menos qualificação. Sobre seu processo de aprendizagem nos teares mineiros, a tecelã T. afirmou que aprendeu a tecer sozinha, que ninguém a ensinou. Quando questionada – como assim, sozinha? Ela respondeu:

[...] é, aprendi sozinha, minha vó e minha mãe ficavam ali no tear tecendo e eu ia vendo, até o dia que minha mãe disse T. entra no tear, então eu teci o primeiro tapetinho e nunca mais saí do tear, hoje sustento meus filhos do tear. (Tecelã T; entrevista em julho de 2012).

Arremates finais

Segundo a epígrafe do nosso texto que é parte da obra elaborada pela UNESCO – Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, Delors (2006) sinaliza que as mulheres, enfrentam inferioridades que pesam sobre elas ao longo de toda a sua vida. O texto revela com unanimidade, o reconhecimento do papel estratégico da educação das mulheres no desenvolvimento do lugar que elas vivem, porém sinaliza que ainda há disparidades entre os sexos – homem e mulheres, no que diz respeito ao reconhecimento do trabalho que realizam.

É interessante observar que o documento elaborado pela UNESCO vem, em alguma medida, ratificar os escritos de Helleieth Saffioti (1979; 2004). A autora estudou sobre a temática da mulher no Brasil, sobretudo no campo do trabalho. Num exercício de anúncio e de denúncia sobre a qual Paulo Freire (2003) muitas vezes teorizou, Saffioti apontou as profundas disparidades entre os sexos no Brasil.

Tanto no Rio Grande do Sul quanto em Minas Gerais, estados separados geograficamente por 1.800 km, a riqueza em processos de produção de trabalho artesanal é demasiada. Entretanto, toda a riqueza desta produção, ainda está por ser ainda mais visibilizada, tanto por meio de ações no campo de políticas afirmativas das secretarias de desenvolvimento, comércio, e cultura, como através da pesquisa.

De acordo com Sennet, “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (2009, p. 57). Essa separação histórica levou os homens a ficarem com o trabalho “da cabeça”, e as mulheres com o trabalho “das mãos”, pois no imaginário popular o trabalho com as mãos é menos

complexo e exige menos qualificação (KERGOAT, 2011).

No campo do artesanato, constatamos por meio da teoria e da empiria, que estas desigualdades fizeram com que o conhecimento das mulheres, e nesse caso de tecelãs, sempre tecido no cotidiano privado, torna-se quase insignificante. A técnica, os processos e a arte pedagógica das mulheres ficam a margem do conhecimento “oficial”. O trabalho manual, em especial o da tecelagem, foi historicamente invisibilizado, pois está na ordem do privado, compreendido com sendo um conhecimento inato e natural das mulheres, não um ofício complexo. A contribuição dos Estudos Feministas para a visibilidade do trabalho de ensinar e aprender desenvolvido pelas mulheres no campo do artesanato é fundamental. Isto porque segundo Nancy Cardoso Pereira (2009) o feminismo afirma que o cotidiano é histórico e o pessoal é político.

Referências

- BARTRA, Eli (Org.). *Criatividade invisible: mujeres e arte popular en América Latina e Caribe*. Xochimilco: Universidade Autónoma Metropolitana, 2004.
- BARTRA, Eli. Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular. *La ventana* [online], Guadalajara, v. 3, n. 28, p. 7-23, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).
- DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2006.
- DUARTE, Claudia Renata. *A tecelagem manual no Triângulo Mineiro: história e cultura material*. Uberlândia: EDUFU, 2002.
- EGGERT, Edla (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.
- EGGERT, Edla. Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- EGGERT, Edla. Trabalho precário x profissionalização de tecelãs: um desafio para a formação educacional no campo do artesanato gaúcho. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, VIII. *Anais...* Curitiba: UFTPR, 2010.
- EGGERT, Edla. Tramando outros conhecimentos: artesanato e debate temático. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7 – Gênero e Preconceitos. 2006. *Anais...* Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato em debate. *R. Pós Ci. Soc.*, v. 8, n. 15, jan./jun. 2011.
- MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, jan./jun. 2006.
- MACEDO, Concessa Vaz de. *A produção têxtil de fios e tecidos em Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo_01.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- MACEDO, Concessa Vaz de. *A produção artesanal de fios e tecidos em Minas Gerais: uma indústria feminina de vanguarda na economia mineira do século dezenove*. Belo Horizonte; CEDEPLAR; UFMG; FAPEMIG, 2003. Disponível em: <http://www.mao.org.br/wp-content/uploads/macedo_01.pdf>.
- NIERENGARTEN-SMITH, B. *Artesão brasileiro: the power of imagination in contemporary folk art of Minas Gerais*, Catalogue. St. Louis, Missouri: Laumeier Sculpture Park and Museum, 1996.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Reengenharia do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. O papel é paciente, a história não é: cotidiano sagrado, educação e diversidade religiosa no Brasil. In: OLIVEIRA, Lilian; CECCHETTI, Elcio; CESARO, Rosa Assunta de. (Org.). *Cultura e diversidade religiosa na América*

Latina: pesquisas e perspectivas pedagógicas.

Blunemau: Edifurb, 2009.

PERROT, Michele. *Minha história sobre as mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. 2001. Disponível em: <<http://www.creatividadfeminista.org/articulos/masculinidad.htrn>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero e patriarcado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol;

OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.